



MARCA BRASIL: DESAFIOS DE UM PARADOXO

POR **RICARDO CARVALHO E ISA MARA CARDOSO**

“Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”.

Oswald de Andrade

“Um país novo, um porto magnífico, o distanciamento da mesquinha Europa, um novo horizonte político, uma terra do futuro e um passado quase desconhecido que convida o homem de estudos a fazer pesquisas, uma natureza esplêndida e o contato com ideias exóticas e novas”.

Do diplomata austríaco Conde Prokessch-Osten em 1868, para Gobineau, quando este hesitava em aceitar o cargo de enviado ao Brasil

O que é o Brasil? Haveria uma única resposta? À procura das várias representações, imagens e imaginários sobre o Brasil, o que encontramos? No mínimo, uma visão caleidoscópica, que revela diversidades contraditórias e polaridades paradoxais, que fazem parte da trama desse tecido inteiro das múltiplas “caras” de um mistério chamado Brasil, como se referiu Peter Drucker (revista HSM Management, 2006).

O mundo todo nos observa hoje com um olhar atento e cuidadoso. Destacam-se, sem dúvida, os aspectos econômicos e políticos, mas principalmente nosso amadurecimento democrático e iniciativas sociais de desenvolvimento. No entanto, esses parâmetros não estão isolados da dimensão cultural, tão rica e complexa, que cumpre um inegável papel de atração.

Podemos, então, falar de uma marca Brasil? Em caso positivo, o que evidenciaria nossa diferença?

O Brasil se insere num contexto de diferença radicalizada, que escapa a qualquer exercício de classificação homogeneizante. Sempre visto como o lugar do exótico, talvez seja o momento da Terra Brasilis – irreduzível a qualquer conceituação – universalizar essa estranha singularidade. Como contribuição para o reconhecimento do diferente, a diversidade se instalou no centro do debate atual sobre o multiculturalismo.

Tentaremos aqui tornar visível alguns traços que constituem o “Ser brasileiro”. Queremos revelar, sem a busca de um categórico absoluto da verdade, o que está por trás dessas múltiplas representações. Até porque, os caminhos desse percurso foram sendo construídos, nos últimos cinco séculos, a partir

de uma pluralidade de pegadas multiétnicas.

Quem sou eu? A questão expressa uma eterna e insolúvel dúvida humana – a busca de nossa identidade. E quem é o brasileiro? Filho de um país novo, sem tradição, produto de uma grande mistura de raças e culturas. O que torna ainda mais difícil uma resposta ao “quem sou eu?”.

A conformação do povo brasileiro é resultante de diferentes confluências sócio-étnicas, que deram origem ao chamado “Ser brasileiro”. Uma múltipla acepção de sentido que destaca o “ser” como categoria filosófica, situada no existencialismo – ente e substância projetados em um “vir a ser”, que o constitui. Afinal, se contemplamos a ideia de projeto, qual é a ideia de ser brasileiro? Que projeto é este?

Dentre outras coisas, é um projeto com um amálgama plástico, uma visão caleidoscópica, que convida a múltiplos olhares. Nessa perspectiva, mais do que descobrir o país, a ideia seria revelar e desvelar as múltiplas faces dessa invenção que se chama Brasil.

A partir de referenciais teóricos e conceituais da literatura antropológica, encontramos diferentes perspectivas para se referir ao brasileiro: o “complexo de ninguendade” (em oposição ao sentido de identidade) de Darcy Ribeiro; o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda; o “elo relacional” de Roberto DaMatta; o “navegador social” de Gilberto Freyre. São suportes conceituais que configuram uma primeira ideia dos traços constituintes na tradição antropológica brasileira. No contexto do século 21, esses atributos precisam ser repensados para uma ampliação e complementação, agora situados no espírito da época.

Se antes, na Modernidade, a pretensão era configurar noções de identidades únicas, hoje isso não é mais possível, devido aos processos de fragmentação e descentramento do sujeito pós-moderno. Agora, o que está em jogo são os novos processos de construção identitária, no contexto da crise multicultural do mundo.

Ao visitarmos nossa tradição sócio-antropológica, aprendemos com Gilberto Freyre uma maneira de lidar com o conflito, como forma de navegação social, por meio da inteligência erótico-sincrética que flexibilizou a passagem, mais ou menos satisfatória, entre a senzala e a casa grande.

Em Darcy Ribeiro, encontramos o “complexo

de ninguendade”, uma marca do nosso hibridismo social, cujo produto – o brasileiro – não se via reconhecido em suas origens. Era, portanto, um “ninguém” à espera de outro (“alguém”) sempre estrangeiro, que o reconheceria e nomearia. Ou seja, não éramos ninguém, pois ainda não concebíamos a ideia de ser vários. Não tínhamos, na concepção tradicional de identidade, uma referência uníssona nuclear.

A concepção do brasileiro como homem cordial, segundo Sérgio Buarque de Holanda, aponta para um sujeito detentor de uma ética de fundo emotivo, que privilegia as relações afetivas e pessoais, no intuito de minimizar o espaço de confrontação com o outro. De certo modo, isso nos dá um meio de aproximação, para evitar o conflito. O autor também ressaltou o pavor do brasileiro em enxergar a si próprio.

Essa falta de autorreflexão não estaria relacionada ao fato de que o brasileiro não quer enxergar suas próprias origens, tão pouco legitimadas?

Já mais recentemente, o antropólogo Roberto DaMatta buscou, na cozinha e na diversidade da rua, as referências teórico-conceituais sobre as características do brasileiro. Para ele, somos seres relacionais por excelência e nossa opção por uma culinária pastosa (nem líquida ou sólida) também se reflete na ambiguidade das nossas escolhas e na “carnavalização” da cena social. Segundo DaMatta, o brasileiro é um elo relacional entre universos antagônicos e contraditórios.

Freud, em seu ensaio “O Estranho Familiar”, revela um ser humano com identidade marcada pela ambiguidade inerente ao sujeito – representada pelo sistema consciente e inconsciente. Nesse sentido, todo sujeito tem em si mesmo algo que ele não conhece. O estranho-familiar é a própria natureza do nosso inconsciente que, por ser nosso, nos é ao mesmo tempo familiar e grande desconhecido. Cabe, portanto, o desafio de ser revelado e desvelado.

No início do século 20, numa Paulicéia desvairada, vimos o esforço dos modernistas – sobretudo na representação icônica do Abaporu (o canibal, em tupi-guarani) de Tarsila do Amaral e no Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade. Com certa assimilação antropofágica, o objetivo era buscar referências socioculturais que pudessem ser caracterizadas como genuinamente

brasileiras. A ousadia – e por que não, generosidade – desses vanguardistas ao exporem as raízes brasileiras causou, na época, enorme reboiço, estranhamento e contestação.

Tupi or not tupi? That's the question. Com essa provocação, Oswald de Andrade, em seu Manifesto Antropofágico, convida os brasileiros a uma reflexão sobre suas próprias origens. Até a Semana de Arte Moderna (1922), a arte brasileira se via espelhada apenas em suas raízes europeias, que a legitimavam positivamente. Por outro lado, tentava ocultar suas origens afro-indígenas, pouco reconhecidas socialmente.

O País Brasil foi forjado nos últimos cinco séculos – um quase continente, marcado pela diversidade cultural, terreno fértil e propício para experiências e relações interétnicas, com boa tolerância religiosa que permitiu a convivência pacífica e integradora com nações dos quatro cantos do mundo. É no meio desse conjunto de nações que o Brasil começa a despontar como povo, cujo ethos inclui sua riqueza e diversidade, a alegria, a festa, a sensualidade e o exótico. Um país com uma singularidade que começa a se destacar com elevado grau de atratividade, nas mais diversas áreas. É nessa força de atração que reside um mistério ainda a ser revelado, de um Brasil múltiplo e plural, que precisa ser clarificado pelos próprios brasileiros.

Quais são as características do povo brasileiro? Que aspectos se destacam na sua formação histórica, social, política e econômica? Como e em que momentos esses aspectos se entrelaçam e rompem de modo mais acentuado? Como isso se reflete no comportamento dos brasileiros? Como o brasileiro é percebido pelos estrangeiros, do ponto de vista político, social, econômico, cultural e até psicológico? Podemos falar de uma identidade nacional brasileira? O que a caracteriza?

Diferentes literaturas tentaram definir questões ligadas à identidade do brasileiro. Segundo Backes (2000), pode-se dizer que a sociologia, a antropologia e a história, dentre outras, já abandonaram essa busca de identificação nacional, por considerá-la uma prática redutora. A fotografia – como exemplo do campo das artes – desistiu do projeto ao se deparar com a impossibilidade de retratar essa identidade.

Em sintonia com o trabalho desenvolvido pela

É NESSA FORÇA DE ATRAÇÃO QUE RESIDE UM MISTÉRIO AINDA A SER REVELADO, DE UM BRASIL MÚLTIPLO E PLURAL, QUE PRECISA SER CLARIFICADO PELOS PRÓPRIOS BRASILEIROS

ESSE CAUDAL SOCIOCULTURAL NÃO PODERIA TAMBÉM NOS FORNECER PISTAS PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO, OU REVELAR MÉTODOS TÍPICAMENTE NACIONAIS, DA REALIDADE DO TRABALHO NAS ORGANIZAÇÕES?

Unesco a partir do início do século 21, sobre bens imateriais da humanidade, o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) classificou, recentemente, como bens imateriais do Brasil: Ofício das Panelas de Goiabeiras, Círio de Nossa Senhora de Nazaré, Ofício das Baianas de Acarajé, Rodas de Capoeira, o modo artesanal de fabricação do queijo de Minas, o Frevo, o samba e o toque dos sinos mineiros, dentre outros. São bens impregnados do conhecimento e dos modos de fazer, enraizados no cotidiano de comunidades brasileiras. Transmitidos de geração em geração, eles se mantêm vivos e são recriados em função do ambiente e de sua própria história, o que reforça diferentes sentimentos de continuidade e identidade, potencializando o estímulo à criatividade humana.

O que essas práticas revelam sobre a história do Brasil? Não seriam esses modos de ser e fazer, a revelação genuína do jeito de ser do brasileiro?

O sociólogo Richard Sennett, em seu livro *The Craftsman* (O Artífice), desenvolveu o conceito de artesanato, que está relacionado ao ato prazeroso de produzir com esmero e cuidado estético uma obra bem acabada. Segundo o autor, a artesanato revela um impulso humano básico e permanente – o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo. Esse *modus operandi* privilegia a conexão do cérebro com as mãos, que unifica o fazer artístico com o *savoir-faire* técnico. Na visão de Sennett, a conexão corpo e mente se materializa na linguagem expressiva que orienta a ação física. Assim, gastronomia e arquitetura são modos de pensar por meio do fazer – o que propicia a metamorfose dos mundos material e imaterial. O autor destaca ainda que a conexão cérebro-mãos foi sendo perdida ao longo da nossa evolução tecno-científica.

Como as coisas, artefatos, práticas culturais e bens imateriais falam sobre nós? Todo esse universo de referência, como o bandeirismo, a Inconfidência Mineira, os tropeiros, os ambulantes, a mitologia brasileira (indígena ou africana), não seriam indicadores preciosos das ações, hábitos, estratégias, comportamentos e atitudes do povo brasileiro diante de sua diversidade? Esse caudal sociocultural não poderia também nos fornecer pistas para uma melhor compreensão, ou revelar métodos tipicamente nacionais, da realidade do trabalho nas organizações?

A partir dessas visões de Brasil, fica uma interrogação: já se pensou numa perspectiva de unificar o campo de significação do que vem a ser a brasilidade? Há algo que nos torna diferente dos outros, que seria o nosso jeito de ser? Essa marca da nossa diferença definiria a posição brasileira no mundo atual? A tão propagada diversidade cultural do brasileiro pode consolidar uma cultura marcada pela convivência pacífica e integradora? Qual a relação entre nosso ethos moral, que inclui a festa, a alegria e a sensualidade, com a nossa forma de navegação e mobilidade social? De que maneira essas múltiplas características da brasilidade forjaram, afetaram e/ ou determinaram a construção dessas identidades?

Por mais que o modelo proposto tivesse como objetivo forjar um amálgama único e homogêneo, o resultado foi bem diferente. Para nossa surpresa, o que se observa no Brasil é uma imensa colcha de retalhos, multiforme, multicolorida, em contínua mudança, dispersa e difusa, que torna extremamente difícil pensar numa identidade nacional única.

A composição étnica e cultural, construída ao longo de cinco séculos, carrega uma incógnita a ser revelada. O que antes fazia com que o brasileiro se sentisse menos valorizado – o complexo de ninguengade – talvez seja a falta de uma construção crítica de sua própria imagem e rosto, que não o deixa se perceber de uma única forma. O que o brasileiro não pode ver em sua própria imagem, começa hoje a ser revelado de forma surpreendente. O que vemos é um rosto multifacetado, multicolorido, difuso e indistinto, mas exuberante, diversificado e plástico – uma imagem em contínua mudança e transformação.

Essa multiplicidade, percebida antes com uma conotação negativa, não seria hoje exatamente o que nos positivaria? Não seria o brasileiro pós-moderno justamente por ter várias faces?

A sociedade pós-moderna se caracteriza, sobretudo, por sua fragmentação, flexibilidade, projetos de curto prazo e imensa plasticidade, que possibilitam ao sujeito se reconstruir permanentemente. Há muito tempo, o brasileiro lida com esse dilema da plasticidade, pois ao buscar sua identidade de caboclo, se deparava com três outras: a do índio, a do negro e a do português. Por isso mesmo, não conseguia percebê-la, pois eram muitas identidades, o que se tornava inaceitável. Hoje, ao

se mirar novamente no espelho, o brasileiro já percebe e aceita que é um ser constituído de muitos. E exatamente aí está toda a nossa riqueza, de seres múltiplos, desiguais, complexos e contraditórios, que se complementam num mar de diferenças.

“Espelho, espelho meu: quem sou eu?”, pergunta o habitante da Terra Brasilis. O enigma Brasil. A invenção Brasil. A aventura Brasil. A fabricação Brasil. A marca Brasil.

O brasileiro precisa se autoconhecer. Foram quase cem anos de modernismo para que ele assimilasse e digerisse a si próprio, num verdadeiro exercício antropofágico de busca de identidade, autorizando o retorno do recalcado, o verde-amarelo, o sol escaldante, a exuberância da floresta tropical, o riso incontido e a vocação para a alegria. Precisa assumir suas raízes e origens diversas, além da generosidade do olhar sem foco, divergente, desigual e aberto. Precisa acolher as diferenças e se voltar para dentro de si próprio, construindo sentidos, caminhos e possibilidades. Sem receio de mostrar sua cara com as matizes da Terra Brasilis.

RICARDO CARVALHO é professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral, doutor em Sociologia pela Universidade Paris 7.

ISA MARA CARDOSO é pesquisadora da Fundação Dom Cabral, mestre em Educação pela PUC Minas.

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 476p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 220p.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126 p.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006. 727 p. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, n. 1).